

Memória que se ouve

A relação de Gabriel de Lara, 35, com os discos começou na infância. Nascido em 1991, ele cresceu em uma época em que os vinis ainda estavam presentes nas casas, e guarda na memória os discos de histórias infantis que ouvia quando criança. Um deles, em especial, voltou à lembrança anos depois, de forma inesperada, durante um garimpo. “Eu vi o disco, sabe quando você nem sabe que lembra? Não sei, aquilo te joga para um lugar”, conta. Era uma gravação da história da Chapeuzinho Vermelho, com a figura do lobo na capa. A lembrança, recuperada diante de um exemplar à venda, tornou-se também uma espécie de síntese do que os discos representam para o colecionador: objetos capazes de carregar memórias que permanecem mesmo quando parecem esquecidas.

Na adolescência, por volta dos 15 anos, Gabriel começou a comprar discos. Já colecionava CDs, mas passou a se interessar também pelos vinis e encontrou uma forma de ampliar o acervo aproveitando a própria coleção do pai. “Pegava os discos do meu pai, levava para o sebo, trocava 10, deixava 10 discos, levava um, e aí fui formando a coleção”, relata. Com o tempo, acumulou uma quantidade significativa de exemplares e começou a vender parte deles pela internet, em plataformas como Mercado Livre e Facebook. A experiência fez com que percebesse que o hobby também poderia se transformar em fonte de renda. “Eu descobri que dá para fazer um dinheiro com aquilo. E, aí, fui tomando gosto.”

Há cerca de 12 anos, Gabriel começou a participar de feiras de discos e passou a atuar também como vendedor. O interesse comercial, porém, não apagou a dimensão afetiva da coleção. Entre os gêneros que ocupam lugar especial em seu acervo está o frevo, ligado diretamente à história de sua família



Alexandre Batos/Foto cedida ao **Correio**

pernambucana. Gabriel cresceu vendo a avó dançar ao som do gênero e lembra que, mesmo já idosa, ela reagia à música sempre que ouvia uma orquestra. “Enquanto ela conseguia andar, ela dançava frevo. Se tocasse, ela pulava até os 90 anos”, conta.

Segundo ele, a avó chegou a dizer que tinha medo de que o frevo um dia acabasse e deixasse de existir. A preocupação acabou encontrando eco no próprio colecionismo de Gabriel, que passou a construir boa parte de sua coleção de frevo a partir de garimpos realizados em Recife e das experiências no carnaval pernambucano.

Raridade e digitalização

Para ele, resgatar um disco é também preservar uma parte da cultura registrada nele. “Se você armazenar corretamente, ele não vai se desgastar”, afirma. A ideia aparece de maneira ainda mais concreta em uma das histórias mais curiosas de seu acervo: a do disco *Andar do Liso é Triste*. Gabriel encontrou o exemplar em um sebo, em meio a uma grande quantidade de sujeira, sem imaginar que aquele objeto pouco conhecido ganharia uma segunda vida na internet. A gravação chegou ao site Discogs por meio de um amigo que ajudava o colecionador a cadastrar os discos de frevo que não estavam na base de dados. A partir dali, a capa começou a circular nas redes sociais e despertou a curiosidade de usuários que queriam descobrir de

Gabriel de Lara,
da loja Boa Viagem



**Vinil Frevos e
Maracatus, de 1956**

onde vinha aquela imagem.

O disco acabou entrando em discussões sobre lost media, termo usado para conteúdos que não estão disponíveis ou possuem registros muito limitados na internet. Como as músicas não estavam disponíveis para audição on-line, Gabriel passou a receber pedidos de pessoas interessadas em

ouvir a gravação e até em comprar o exemplar. Ele, no entanto, queria fazer uma digitalização cuidadosa, com equipamentos adequados, e demorou para conseguir realizá-la. Nesse intervalo, um amigo de Fortaleza encontrou outra cópia do disco, desta vez sem a capa, e conseguiu digitalizar e disponibilizar as músicas. “Saciou aí a vontade da galera”, resume Gabriel.

A história tornou-se, para o colecionador, um exemplo de como um objeto físico pode ganhar novos significados quando volta a circular. O disco que havia passado despercebido em um sebo tornou-se alvo de curiosidade justamente por aquilo que o tornava raro: a dificuldade de encontrá-lo e ouvi-lo. Para Gabriel, iniciativas de preservação precisam passar tanto pelos acervos físicos quanto pela digitalização de materiais que permanecem fora do alcance do público. Ele cita a Biblioteca Central da Universidade de Brasília e instituições ligadas à preservação do frevo em Recife como exemplos desse movimento e diz ter o desejo de, um dia, estabelecer uma parceria para digitalizar e disponibilizar parte do acervo de frevo para audição.

Entre seus exemplares preferidos está justamente um disco de frevo, *Frevos e Maracatus*, dos anos 1950. Gabriel destaca especialmente os maracatus presentes na gravação, que considera “lindos” e “fortíssimos”. Outro item de que gosta é o compacto *Elefante vs. Pitonbeira*, ligado a uma tradicional rivalidade entre troças de Olinda. As escolhas ajudam a mostrar que, para além do valor de mercado, a coleção é construída